
A DIALÉTICA DA BASE E SUPERESTRUTURA EM ISTVÁN MÉSZÁROS

THE DIALECTIC OF BASE AND SUPERSTRUCTURE IN ISTVÁN MÉSZÁROS

Roniele Bianque Almeida¹

Prof. Dr. Mukabi Misik Senga Pierre²

RESUMO: O presente artigo aborda a temática da complexidade da metáfora marxiana da base e superestrutura na perspectiva do filósofo húngaro István Mészáros. A pesquisa, de caráter bibliográfico e exploratório, fundamenta-se na tradição marxista e, principalmente, na obra meszariana. Para tal, enfatiza-se o caráter dialético existente na relação entre essas categorias. No entanto, antes de atingir esse objetivo, as concepções da realidade entre Hegel e Marx foram contrapostas, visto a necessidade de inserir essa problemática dentro dessa moldura histórico-filosófica. Em seguida, buscou-se relacionar tais categorias a outras fundamentais da teoria de Marx, que são negligenciadas por interpretações reducionistas e mecânicas. Além disso, apontou-se a análise meszariana da metáfora de Marx como ferramenta de apreensão da realidade concreta, para demonstração das desordens do sistema capitalista. Assim, Mészáros revela a plasticidade desse modo de produção que transforma substancialmente a superestrutura, com suas instituições para operar em seu favor e mascarar as contradições internas. Desse modo, conclui-se que a dialética da base e superestrutura, longe de ser esquema rígido e mecânico da sociedade e da história, revela a complexidade do processo histórico-social como totalidade concreta, possibilitando, assim, romper a pseudoconcreticidade da ordem estabelecida pelo capitalismo.

Palavras-chave: Dialética; Base; Superestrutura; Marxismo; História.

ABSTRACT: This article addresses the complexity of the Marxian metaphor of base and superstructure from the perspective of Hungarian philosopher István Mészáros. This bibliographical and exploratory research is grounded in the Marxist tradition and, primarily, in Meszar's work. To this end, we emphasize the dialectical nature of the relationship between these categories. However, before achieving this objective, we contrast Hegel's and Marx's conceptions of reality, given the need to place this issue within this historical-philosophical framework. We then seek to relate these categories to other fundamental categories of Marx's theory, which are neglected by reductionist and mechanical hermeneutical approaches. Furthermore, we highlight Meszar's analysis of Marx's metaphor as a tool for understanding concrete reality, demonstrating the disorders of the capitalist system. Thus, István Mészáros reveals the plasticity of this mode of production, which substantially transforms the superstructure and its institutions to operate in its favor and mask internal contradictions. Thus, it is concluded

¹ Centro Universitário Salesiano. UniSales. Vitória/ES, Brasil. Graduando. E-mail: roniele.almeida@souunisales.com.br

² Centro Universitário Salesiano. Vitória/ES, Brasil. Professor do UniSales; E-mail: mukabi.pierre@salesiano.br

that the dialectic of base and superstructure, far from being a rigid and mechanical scheme of society and history, reveals the complexity of the historical process as a concrete totality, enabling a rupture with the pseudo-concreteness of the order established by capitalism.

Keywords: Dialectics; Base; Superstructure; Marxism; History.

1 INTRODUÇÃO

A análise acerca do processo histórico da humanidade e de suas estruturas sociais constitui tema central nas ciências humanas, bem como nas tradições filosóficas, especialmente na filosofia social e política. Diversas correntes teóricas, ancoradas em métodos e pressupostos distintos, buscaram compreender os fundamentos e o sentido do processo histórico, partindo de diferentes posições metodológicas, epistemológicas e ontológicas. Essas interpretações, além de expressarem distintas concepções de mundo, também revelam compromissos políticos e ideológicos subjacentes que influenciam diretamente na leitura da realidade social.

Entre essa gama de possibilidades analíticas, no campo filosófico, destaca-se o idealismo hegeliano, que defende o processo da história como manifestação do Espírito Absoluto em processo dialético. Essa leitura resulta, por vezes, na justificação e naturalização de instituições e estruturas sociais como manifestações necessárias à razão, sob o argumento da racionalidade. Posteriormente, contrapondo-se a Hegel, emerge o pensador crítico Karl Marx, que propõe inversão metodológica decisiva: a história deve ser compreendida por meio da materialidade da vida.

Segundo Marx (1996), é o ser social que determina a consciência. Dessa forma, fundamenta-se o método materialista de análise da história. Para o filósofo alemão, a história é movida pelas condições materiais, ou seja, o desenvolvimento da história precisa ser compreendido por meio das relações de produção. Nessa inversão metodológica, Marx desenvolve o materialismo histórico-dialético, que é central na sua teoria, comportando vários conceitos e categorias de análise. Especificamente, as categorias de base e superestrutura permitem analisar tanto a vida material quanto as ideias e instituições que dela derivam.

Na esteira da tradição marxista, há pluralidade de interpretações e vertentes que contribuíram para o desenvolvimento do tema. Entre elas desponta o filósofo contemporâneo István Mészáros, que desenvolveu análise erudita e refinada sobre as ideias de Marx, principalmente da relação base e superestrutura. Conferindo grande relevo à metáfora marxiana, Mészáros redimensionou essas categorias de análise em perspectiva mais ampla e dinâmica. Dessa forma, o filósofo húngaro rejeitou categoricamente qualquer tentativa de compreensão da história, seja da forma idealista ou mecanicista.

Em vista disso, a crítica meszariana rejeita simplificações epistemológicas e propõe abordagem dialética da história e da sociedade, apontando a existência de intercâmbio dialético entre as estruturas, a história, a sociedade e seus componentes sociais. A contribuição meszariana possibilita a compreensão da totalidade concreta do ser social. Assim, visa à compreensão rigorosa da realidade histórica, “desvendando” a essência do sistema dominante do capital.

Portanto, esta pesquisa tem como objetivo geral, seguindo a esteira intelectual e política do marxismo e a perspectiva de Mészáros, compreender a relação dialética entre base e superestrutura. Para tanto, contrapõe-se inicialmente o pensamento de Hegel, cuja dialética se estrutura sob uma perspectiva idealista, à reformulação materialista realizada por Marx, que desloca o movimento dialético para a materialidade histórico-social. Em seguida, à luz da perspectiva meszariana, procedeu-se à análise das interpretações reducionistas e das críticas dirigidas a Marx, apontando, simultaneamente, a interpretação cuidadosa de Mészáros acerca da relação dialética entre base e superestrutura. Buscou-se, também, evidenciar, na abordagem meszariana, o emprego dessas categorias para compreender as desordens e os antagonismos inerentes do sistema capitalista.

2 A RAZÃO UNIVERSAL DE HEGEL E A CRÍTICA MATERIALISTA DE MARX

2.1 O IDEALISMO HEGELIANO E A HISTÓRIA

Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), considerado o maior expoente do idealismo alemão, elaborou a forma mais complexa do idealismo, na tentativa de interpretar a totalidade dos fatos e da história. Na sistematização de seu idealismo, Hegel desenvolveu conceitos e categorias como o absoluto, dialética e o princípio do historicismo, entre outros.

Segundo Delboni (2007), o fundamento da realidade, para Hegel, não poderia ser o “absoluto” de Schelling nem o “eu” de Fichte. Em Hegel, a realidade não é substância, mas sujeito, pensamento, Espírito. Dessa forma, o seu idealismo absoluto rompeu e ampliou relativamente o idealismo anterior, considerado deficiente. Embora o filósofo idealista tenha se interessado pela noção de absoluto, de Schelling, ele defendia a necessidade de não apenas afirmar a existência do absoluto, mas de definir em que ele consistia: “[...] o Absoluto hegeliano é de tal forma ‘compacto’ que exige necessariamente a totalidade das partes, sem nenhuma exclusão. Cada momento do real é momento indispensável do Absoluto” (Reale; Antiseri, 1991, p. 102).

Nesse sentido, no sistema filosófico hegeliano, tudo que existe ou aconteça não pode estar fora do Absoluto, por ser ele momento insuprimível. Sendo o Absoluto o todo da realidade, será realizado plenamente pelo Espírito em desvelamento de si mesmo. Como afirma Hegel (2001, p. 08), “Por conseguinte, o espírito é a essência absoluta real que a si mesma se sustém”. Convém salientar também que o filósofo alemão enfatizou o movimento próprio do Espírito: “em si”, “fora de si” e “em si e para si”.

Um aspecto fundamental a ser considerado da filosofia hegeliana diz respeito à compreensão de seu método. No que se refere à dialética, é importante observar que ela não se origina em Hegel, pois é antecedente ao seu pensamento, constituindo um conceito amplo e complexo. Conforme Konder (2008), a dialética remonta à Grécia antiga e, em Hegel, ela é reformada. Na concepção hegeliana, o movimento dialético carrega em si o movimento espiral com ritmo triádico indicado, geralmente, de forma simplificada, como tese, antítese e síntese. Ademais, a dialética seria o único método adequado que comportaria o estudo da realidade.

Nessa perspectiva, o método de Hegel não envolveu apenas o pensamento abstrato, mas a realidade inteira, a história do homem. Essa lógica é encontrada em seu vasto

desenvolvimento teórico-filosófico, o que trouxe consequências para a forma como o filósofo alemão concebeu e interpretou a história. Confirmam Bavaresco e Orsini (2021, p. 30): “[...] Hegel parte da dimensão histórica do conhecimento, porque entende que a razão está enraizada num contexto histórico limitado”. Ademais, “[...] este juízo se confirma se considerarmos a posição que toma Hegel em face da História e da Razão. Razão e História, eis, poderíamos dizer, os dois termos que ele encara, para opô-los ou conciliá-los” (Hyppolite, 1971, p. 33).

Dessa forma, a sistematização do pensamento de Hegel está intrinsecamente articulada ao princípio do historicismo, que perpassa suas grandes obras, como “Fenomenologia do Espírito”, “Enciclopédia das Ciências” e, principalmente, sua “Filosofia da História”: “[...] é no trabalho póstumo [...], traduzido para o português, como Filosofia da História, que sua visão acerca do tema recebe contorno definitivo” (Santos, 2016, p. 128).

A partir disso, é latente a intrínseca relação entre a sistematização da filosofia hegeliana e a história humana. No que concerne à íntima relação, à racionalidade e à história, na obra “Filosofia da História” (1837), Hegel delineou e desenvolveu, de forma clara e objetiva, as manifestações do espírito objetivo na história. Cumpre destacar que, ao passo que o estudo da historiografia científica se detém apenas aos aspectos factuais dos acontecimentos históricos, a filosofia da história, de Hegel, caminha em outro horizonte: “enquanto a história trata de acontecimentos finitos e singulares, a filosofia da história trata de encontrar por trás desta finitude uma força racional universal e infinita regendo todos os acontecimentos” (Antunes, 2004, p. 23).

Logo, todos os eventos, instituições, ações e conflitos que surgiram na história Hegel os interpretou como necessários à Razão no seu progresso. Em função disso, o filósofo idealista postulou os eventos históricos não como acidentais, mas intrínsecos ao princípio racional: “devemos, ao contrário, ter muito mais seriedade no reconhecer os caminhos da Providência, os meios e manifestações na história, relacionando-os àquele princípio geral” (Hegel, 1999, p. 20).

Segundo Antunes (2004), a filosofia da história universal nada mais é que a descrição do processo de desenvolvimento do conceito de liberdade e racionalidade, desde o estado de natureza e selvageria até o estado civil moderno. Além disso, o autor caracteriza a história universal segundo uma determinação racional e divina, chegando a categorizá-la como grande e fantástica teodiceia. Consequentemente, Hegel tornou as instituições momentos necessários da razão. Portanto, para Hegel a história existe como processo de realização das determinações do espírito no tempo, determinações que, por sua vez, já estavam pressupostas antes mesmo da própria história. Após a morte do pensador alemão, seus seguidores se dividiram em direita e esquerda hegeliana. Assim, cada pensador, ao seu modo, passou a interpretar o sistema filosófico de Hegel. Mas foi Marx quem, herdando a influência da dialética hegeliana, elaborou novo sistema teórico baseado em outro fundamento.

2.2 O MATERIALISMO DE MARX E A METÁFORA DA BASE E SUPERESTRUTURA

Karl Marx nasceu em 05 de maio de 1818 em Treves, capital da província alemã do Reno. Sua formação acadêmica teve início na universidade de Bonn. Em julho de 1836, matriculou-se na universidade de Berlim, mas acabou se afastando do direito e

se apaixonando pela história e filosofia. Em sua jornada, envolveu-se com problemas políticos e sociais. Faleceu em Londres em 14 de março de 1883. Seu pensamento está inserido e desenvolvido em um momento histórico de crises no século XIX.

Nesse sentido, o pensamento marxiano sistematiza denso instrumental teórico, de modo a comportar dois eixos fundamentais, o caráter científico e o político. Diante disso, Marx herdou grande influência de Hegel em relação à dialética. Do hegeliano de esquerda, Feuerbach, recebeu a contribuição teórica do materialismo. Porém, foi na revisão crítica em relação a esses dois pensadores que o pensamento marxiano se assentou (Mello; Malta, 2017). Marx também incorporava as contribuições de Engels e de Saint-Simon em relação à estrutura econômica como núcleo da sociedade. Indiretamente, do economista Adam Smith recebe a compreensão das leis econômicas, embora tenha divergências com o pensador inglês (Mondin, 2003). Outrossim, Marx, provocado por Engels em relação às formulações da economia política, direciona suas pesquisas para a análise da sociedade moderna e burguesa.

Efetivamente, foi por meio da confluência desses intelectuais e desse contexto social que Marx garantiu a gênese e sistematização de seu pensamento. Todavia, é necessário considerar que a mudança e a inversão substancial que Marx efetuou ao inaugurar sua nova abordagem epistemológica resultou da tensão com os fundamentos filosóficos do sistema de Hegel. Segundo Vaz (2001), o exame crítico operado por Marx decorre da problemática de Hegel, do esforço de aplicar a conciliação da contingência histórica e a necessidade racional, situando a razão mesma da história em uma história da razão articulada por grande processo dialético.

Diante disso, com seus termos, Marx inverteu a posição do sistema hegeliano, mas conservou o conteúdo. Salienta Rossi (1996, p. 124): “[...] assim inverter o idealismo hegeliano, para esclarecer os motivos reais e concretos, indo da terra ao céu e não do céu à terra”. Assim, a tradição marxista aceita a articulação entre dialética e história, oriunda da filiação hegeliana, porém em outra perspectiva, ou seja, a história humana em suas determinações reais e concretas: “[...] para o segundo, o movimento dialético da História possui uma base materialista em que se destacam as necessidades reais dos homens” (Delboni, 2007, p. 93).

Nessa direção, Marx rejeita categoricamente o pressuposto de que a gênese do “ser” seja a ideia: “Não é a consciência dos homens que determina o seu ser social, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência” (Marx, 1996, p. 52). Assim, Marx inverte a posição hegeliana, que é radicalmente modificada. Afirmam Marx e Engels (1986, p. 26) que “Os pressupostos de que partimos não são arbitrários, nem dogmas. São pressupostos reais [...] São os indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de vida [...]”.

Por meio da dialética, na perspectiva histórica materialista, Marx possibilitou, à teoria social crítica, o entendimento e a essência, as transformações e contradições intrínsecas à sociedade burguesa da época e de todas as anteriores. Como destaca Hunt e Sherman (1986), Marx identificou quatro sistemas econômicos ou modos de produção distintos que marcaram a evolução da sociedade europeia: o comunismo primitivo, o escravismo, o feudalismo e o capitalismo. O avanço de cada sistema específico, com seu modo de produção, ocorreu por meio de processo dialético de contradições entre as forças produtivas, com seu nível técnico e material, e as

relações de produção, definidas como as relações sociais estabelecidas na produção: quem produz e para quem produz.

[...] na concepção hegeliana, a dialética se torna instrumento de legitimação da realidade existente. [...] de Marx a dialética leva ao entendimento da possibilidade de negação dessa realidade, [...] como algo transitório que pode ser transformado pela ação humana (Cotrim, 2000, p. 201).

Nessa lógica, para o conhecimento adequado da história e propriamente da sociedade capitalista, Marx, ao inverter “a mistificada dialética hegeliana”, foi capaz de compreender que história é o produto das atividades dos próprios homens. Por isso, na “Ideologia alemã”, ao assumir de forma materialista a história, a concepção marxiana expõe o seu pressuposto fundamental da construção das ideias por meio da prática social concreta. Em outras palavras, a noção de essência humana é resultado das relações sociais. A forma como as pessoas agem e pensam são determinações da forma de produção da vida material (Masson, 2007).

Segundo Andrade (2011), a teoria marxiana é sistematizada em diversas categorias e conceitos, organizadas de forma interdependente, estruturada e complexa. Entre elas destacam-se o trabalho, a alienação, a mercadoria, o dinheiro, a mais-valia, o fetiche, a luta de classes, o valor de uso e troca, a burguesia, o proletariado, entre outros. Com base nisso, torna-se fundamental analisar dois conceitos centrais da teoria social de Marx, base e superestrutura, que estão indissociavelmente relacionados ao método marxiano e que constituem, assim, elementos basilares para a percepção crítica da dinâmica histórica.

O peso analítico condensado nos conceitos base e superestrutura, mesmo tendo sido utilizado tão poucas vezes por Marx, é um legado metodológico da mais alta importância, pois nele contempla a unidade das condições objetivas e subjetivas que não escapa à vida do ser social [...] (Martins, 2024, p. 08).

Sob esse aspecto, os dois conceitos analíticos propostos por Marx fornecem caráter de abranger a totalidade da realidade. Totalidade em movimento cuja base é composta por relações de produção e por forças produtivas. Secundariamente a ela, emerge uma superestrutura. Diante disso, na “Introdução à Crítica da economia Política”, Marx se expressa da seguinte forma:

[...] na produção da própria vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção que correspondem a uma etapa determinada de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica e política e da qual correspondem formas sociais determinadas de consciência (Marx, 1996, p. 52).

De acordo com Mello e Malta (2017), a aplicação da metáfora da base e superestrutura, operada por Marx, teve como objetivo didático expor que os homens e mulheres não produzem sua vida conforme desejos individuais isolados, todavia por meio de sua inserção em uma totalidade concreta, em condições de vida objetivas. A consciência e a vontade dos indivíduos, portanto, estão condicionadas no interior de determinada formação social. Diante disso, é relevante considerar que em cada estágio da sociedade, em seus respectivos modos de produção, manifestaram-se distintas formas de consciência, “visões” de mundo e formas de se entender a vida. Apontam Marx e Engels (1986, p. 36) que “A produção de ideias, de representação

da consciência, está, de início, diretamente entrelaçada à atividade material [...] os homens são os produtores de suas representações”.

Nesse sentido, essas categorias analíticas desenvolvidas por Marx fornecem nova concepção de história. Sob essa perspectiva, a história verdadeira e fundamental é a dos indivíduos em suas condições de vida material, essa resultante do desenvolvimento da base econômica — derivada das forças produtivas e das relações sociais de produção — que, por sua vez, condiciona e modifica a consciência social.

Com isso, Marx rejeitou a concepção de história hegeliana “contemplativa benevolente”, que compreendia as instituições em perspectiva teleológica fechada, como manifestações e mediações indispensáveis da racionalidade histórica e da realização da liberdade. Ao contrário disso, a posição marxiana assume outra vertente: “a história de todas as sociedades que existiram até hoje é a história de luta de classes” (Marx; Engels, 2002, p. 45). Por conseguinte, a superestrutura de uma sociedade, suas instituições objetivas, são formas historicamente determinadas de dominação intrinsecamente condicionadas à estrutura econômica de cada época, fazem parte da construção humana permeada de interesses. Destarte, as instituições objetivas, principalmente o Estado idealizado por Hegel, são agora interpretadas como Estado de classe a serviço de um sistema econômico específico.

Ademais, o materialismo histórico-dialético, por meio das categorias de base e superestrutura que estão em seu “coração”, fornecem, à análise crítica, apreensão da realidade concreta e conseqüentemente o “desvendando” do real, para assim romper com a existente ordem social injusta. Nesse sentido, rompe-se com as falsas representações do sistema capitalista, de modo a desmistificar a realidade em ação inversa a da contemplação da história. Em outras palavras, pelo conhecimento crítico dialético, o homem pode perceber as contradições do mundo capitalista burguês (Andrade, 2011).

Como aponta Mészáros (2011a), no século passado, a teoria marxista de base e superestrutura foi posta a duras críticas e até rejeitada indiscriminadamente pelos pensadores críticos de Marx e, por vezes, considerada determinista e reducionista em sua forma de conceber a realidade. Essas acusações, contudo, não se sustentam, quando analisada a teoria social de Marx a partir da integralidade de suas obras. Também, quando considerada a inter-relação dialética da estrutura social e da complexidade da história que essas categorias analíticas abarcam, pois visam o conhecimento da realidade como totalidade dialética em chave materialista.

3 INTERPRETAÇÕES DA BASE E SUPERESTRUTURA: REDUCIONISMOS E COMPLEXIDADE DIALÉTICA À LUZ DE MÉSZÁROS

3.1 REDUCIONISMOS EM TORNO DA METÁFORA

Segundo o Dicionário do pensamento marxista (Bottomore, 1988), a metáfora formulada por Marx, da base e superestrutura, é qualitativamente complexa em relação ao que ela inicialmente evidencia. Além disso, Marx tinha plena consciência das possíveis interpretações superficiais acerca da metáfora, podendo levar a mal-entendidos que resultaram em equívocos tanto entre alguns intelectuais da própria tradição marxista desenvolvida posteriormente quanto entre seus opositores.

Com base nisso, para uma compreensão adequada dessa problemática, é necessário recorrer, na tradição marxista, aos intérpretes que se dedicaram ao trabalho rigoroso sobre a complexa teoria de Marx. Entre muitos, convém enfatizar a relevância do filósofo húngaro István Mészáros, nascido em 1930, em Budapeste, na Hungria, considerado um dos principais intelectuais marxistas contemporâneos. Graduou-se em filosofia e tornou-se grande discípulo do pensador marxista György Lukács. Lecionou em diversas universidades da Europa e da América Latina e é considerado teórico de vasta erudição enciclopédica.

Mészáros oferece iluminadora sistematização metodológica radicada na abordagem marxiana, sobretudo no que se refere à problemática em torno da metáfora da base e superestrutura, tema que, para ele, possui extrema relevância científica e política. Nessa linha, o pensamento meszariano, além de abordar o caráter dialético e complexo da metáfora marxista, evidencia as polêmicas que historicamente se constituíram em torno dessa temática, com apontamentos de elementos históricos.

Nesse contexto, surgem os desdobramentos das interpretações reducionistas do “marxismo vulgar” que ocorreram, em grande parte, nos debates suscitados pela Segunda Internacional dos Trabalhadores (1889–1914), marcada por polêmicas envolvendo o pensamento de Karl Kautsky (1854-1938), que inviabilizou fortemente a dialética ao dar espaço ao mecanicismo e ao determinismo. Dessa forma, as correntes e movimentos da tradição marxista, influenciados por esse contexto intelectual e político, passaram a aplicar as categorias de base e superestrutura de modo rígido e não dialético. Aponta Milani (2019, p. 19): “Nessas interpretações existe uma base determinante e uma superestrutura determinada. As produções superestruturais aparecem como um mero reflexo secundário da base econômica”.

Sob essa ótica, os conceitos de base e superestrutura receberam contorno excessivamente mecanicista, de modo a anular a relação dialética e a estabelecer rígida relação de causalidade direta, o que se opõe ao materialismo histórico-dialético em sua complexidade interna. Em outras palavras, a metáfora de Marx é reduzida ao nível de determinismo econômico, transformando, assim, a relação dialética entre base e superestrutura em determinismo linear e reducionista em que a superestrutura é reduzida como reflexo direto da base econômica (Milani, 2019).

Diante disso, a metáfora marxiana foi distorcida, configurando-se em teoria engessada, reduzindo o complexo social a mero reflexo da economia. Nesse ínterim, destacam-se, primeiro, as interpretações reducionistas de alguns teóricos da tradição marxista que vão do fatalismo determinista à corrente teórica do estruturalismo. Esses teóricos inviabilizaram a complexidade dialética da teoria de Marx. Ademais, na tentativa de superar as influências da Segunda Internacional, alguns dos teóricos da tradição marxista estagnaram-se em alguns “resquícios” de rigidez e perda da historicidade que o pensamento marxiano cultivava, o que, conseqüentemente, tornou a dialética marxista deficiente.

De acordo com Wood (2006 apud Mello; Malta, 2017), as objeções difundidas dentro da tradição marxista, em resposta à Segunda Internacional e seu “economicismo cru”, perpassaram as concepções estruturalistas de Louis Althusser (1918-1990), filósofo francês marxista. Nessa direção, na sistematização de seu estruturalismo, Althusser aplicou radical separação dos âmbitos da economia, do complexo social e da história, excluindo o papel da ação humana, ou seja, dissociando a relação dialética da

estrutura social em relação à complexidade histórica. Destarte, como observa Löwy (2018), Althusser rejeitou o papel ativo da humanidade enquanto sujeitos da história, e tratou os homens apenas como “suportes” das relações de produção. Desse modo, os homens seriam apenas suportes da estrutura econômica.

Tendo em vista essas posições, percebe-se que, dentro da própria tradição marxista, a metáfora da base e superestrutura, teoria cujo objetivo é abarcar o complexo social de forma dialética, é reduzida a um esquema rígido e simplista. Contudo, as interpretações equivocadas não se restringiram ao âmbito interno do marxismo. Também teóricos críticos de Marx relativizaram e contestaram a teoria da base e superestrutura, desqualificando essas categorias da teoria social marxiana.

Nessa perspectiva, a metáfora da base e superestrutura é acusada de ser, por um dos detratores de Marx, profundamente deformadora. De acordo com os argumentos de Worsley (1984 apud Mészáros, 2011a, p. 71),

A imagem de base e superestrutura é uma imagem, uma metáfora que usa analogias extrassociais para descrever arranjos sociais. Todas as imagens desse tipo, qualquer que seja seu valor em esclarecer o assunto, são também profundamente deformadoras. A sociedade não é uma máquina; não é um organismo, nem segue sequências de gestação e nascimento (imagem obstétrica predileta de Marx).

Observa Mészáros (2011a) que as críticas que a metáfora de Marx sofre são primariamente oriundas de distorções e leituras inconsistentes, consideradas como clara manifestação de hostilidade. Nesse contexto fica evidente, como exemplo, o ataque que Karl Popper — na obra “A miséria do Historicismo”, ao fazer alusão à obra de Marx, “A miséria da Filosofia” — tece contra Marx na tentativa de refutação, o que considerou como reducionismo.

Popper apresenta posição marcada por significativo *'odi et amo'*: reconhece Marx como pesquisador, sua autenticidade e seu realismo ao tentar aplicar métodos racionais para a solução dos problemas da vida social. O pensador vienense chega a concordar com a crítica que Marx, em “O Capital”, faz ao *laissez faire* capitalista. Porém, Popper o acusará de falso profeta ao sugerir que o historicismo dialético hegeliano é transformado em determinismo metafísico econômico (Reale; Antiseri, 1991).

Dentro do quadro das críticas à metáfora marxiana, verifica-se um elemento significativo que pode possibilitar interpretações de natureza reducionista: o problema da linguagem. Consoante a isso, assinala Mészáros (2011a, p. 45): “De fato, a taquigrafia ou imagem gráfica em si pode até ser um obstáculo a uma compreensão apropriada das complexas relações em questão se não for acompanhada de uma articulação conceitual adequada [...]”. Com isso, a metáfora da base e superestrutura não pode ser tomada de forma literal, o que ocorre com frequência. Caso esse símile explicativo seja usado de forma conceitual direta, torna-se ferramenta que conduz à interpretação mecânica e unilateral da realidade social. Em outras palavras, se tomada de maneira literal e imediata, essa “imagem gráfica” não possibilita reproduzir a complexidade dialética dos múltiplos fatores do organismo social e de sua realidade histórica (Mészáros, 2011a).

Em consonância com os apontamentos de Mello e Malta (2017), algumas tradições teóricas do marxismo buscaram enfrentar essa problemática para não cair no

“economicismo cru”. Contudo, é Mészáros que realiza uma defesa firme da metáfora marxiana, refutando as críticas e demonstrando o caráter dialético e complexo que a envolve.

3.2 ISTVÁN MÉSZÁROS E A COMPLEXIDADE DIALÉTICA ENTRE A BASE E SUPERESTRUTURA

Tendo em vista as distorções atribuídas à metáfora marxiana, Mészáros oferece leitura radicalmente dialética, em contraste com a “hermenêutica” reducionista, evidenciando que a análise da relação da base e superestrutura não pode ser concebida sob ótica engessada e mecânica, como se fossem esferas isoladas ou rigidamente hierarquizadas. Ao contrário, tratam-se de dimensões orgânicas e dinâmicas de um complexo processo histórico-social. Nesse horizonte, Mészáros, em suas obras, especialmente em “Estrutura social e formas de consciência II – A dialética da estrutura e da história”, oferece iluminadora sistematização metodológica para a compreensão do movimento histórico em suas determinações materiais e estruturais correspondentes.

Preliminarmente, é indispensável, antes de se abordar a questão desenvolvida por Mészáros, enfatizar dois pressupostos e dimensões vitais da teoria marxiana, visto que sem eles, incorre-se em significativas distorções interpretativas: “formas de ser” e a dialética marxista. Primordialmente, apresenta-se as denominadas “formas de ser”. Mészáros enfatiza tal pressuposto como básico para a compreensão adequada e fiel da teoria de Marx. “As categorias, segundo Marx, não são constructos filosóficos atemporais, mas *Daseinformen*: formas de ser, reflexos condensados das relações e determinações essenciais de sua sociedade”, afirma Mészáros (2015, p. 152).

Essas categorias exprimem o processo e o movimento imanente da realidade objetiva em seus desdobramentos histórico-sociais. Não se trata de fatos formais do pensamento; ao contrário, constituem a reprodução do ideal do existente. Ademais, são elementos estruturais de complexos relativamente reais e dinâmicos, caracterizados por inter-relações mútuas que se configuram como complexos cada vez mais abrangentes, em sentido extensivo e intensivo (Pereira, 2018).

Em seguida, cumpre assinalar que a dialética, concebida no horizonte marxiano, não deve ser entendida apenas como um método de análise ou um esquema lógico abstrato, mas, sobretudo, como uma processualidade que exprime a própria constituição da realidade social. Nesse sentido, Netto (2011, p. 53) afirma que “[...] ele (Marx) descobriu a estrutura e a dinâmica reais do capital; não lhe ‘atribuiu’ ou ‘imputou’ uma lógica: extraiu da efetividade do movimento do capital a sua lógica (própria, imanente) [...]”.

Como ponto de partida, Mészáros (2011a) aponta para alguns aspectos interpretativos e metodológicos sobre as complicadas inter-relações da base e superestrutura que não podem ser reduzidas unicamente ao “Prefácio de 1859”. Assim, elas devem ser compreendidas em articulação com outras obras de Marx que abordam outros grandes aspectos da problemática, examinando dimensões correlatas da problemática desde “A ideologia alemã”, “O Capital” até a “Teoria da mais valia”. Com efeito, para viável interpretação teórica consistente acerca de tais categorias-chave, é basilar articulá-las a dimensões frequentemente negligenciadas da teoria marxiana.

Com fundamento nesses elementos introdutórios da leitura meszariana, torna-se possível uma compreensão mais precisa de sua teoria e da defesa que empreende de Marx. Segundo Mello e Malta (2017), Mészáros elabora defesa rigorosa e criteriosa da metáfora da base e superestrutura, de modo a indicar que dela depreendem-se três objetivos essenciais delineados por Marx:

1.[...] manter constantemente em mente as diferenças qualitativas nela implícitas; 2. insistir que a superestrutura não pode ser determinada com a mesma precisão que a estrita “transformação material das condições econômicas de produção”; 3. indicar que como há uma interação dialética entre a superestrutura e a base material [...] ambas afetam uma à outra de maneira profunda, assim constituindo conjuntamente um todo orgânico [...] (Mészáros, 2011a, p. 40).

Em relação aos três aspectos levantados por Mészáros, cabe ressaltar, em primeiro lugar, a necessidade de “ênfatar as diferenças qualitativas”, ou seja, a base e superestrutura não podem ser medidas com a mesma precisão metodológica dentro do processo social. Destaca o autor: “Isso deve ser constantemente mantido em mente se quisermos fazer justiça à concepção dialética de Marx da relação ‘base material’ e ‘superestrutura’, com seus múltiplos aspectos [...]” (Mészáros, 2011a, p.107).

Na sequência, em segundo lugar, o autor enfatiza que os fenômenos superestruturais não seguem leis mecânicas em relação à economia. Nesse ponto, Mészáros rejeita qualquer visão mecanicista da superestrutura em relação à base material. Nesse sentido, Holanda (2006, p. 36) observa: “A superestrutura reflete as mudanças ocorridas no nível do desenvolvimento das forças produtivas, não de uma maneira imediata”. Por isso, Mészáros, ao falar de determinação material, conjuga tal termo com o caráter dialético. Finalmente, em terceiro, como elemento central da análise meszariana, sobressai-se a relação dialética da base e superestrutura inserida e situada em sistema social orgânico de totalidade composto de elementos e fatores interligados que se relacionam mutuamente, em que todos têm efeitos ativos no funcionamento e na manutenção do processo social.

Acerca dessa lógica, Netto (2011) indica que a sociedade burguesa não é totalidade amorfa; ao contrário, é totalidade concreta, constituída de complexos, isto é, estruturada, com dinâmica específica, contraditória e permeada de sistemas de mediações que articulam os complexos. Desse modo, a visão meszariana se opõe radicalmente ao “marxismo vulgar” e mecanicista, pois, no cerne do pensamento filosófico de Mészáros, está a ideia de totalidade. Nessa linha de concepção, é primordial apontar o que o Dicionário do pensamento marxista descreve como totalidade:

A totalidade social na teoria marxista é um complexo geral estruturado e historicamente determinado. Existe nas e através das mediações e transições múltiplas pelas quais suas partes específicas ou complexas – isto é, as “totalidades parciais” – estão relacionadas entre si, numa série de inter-relações e determinações recíprocas que variam constantemente e se modificam (Bottomore, 1988, p. 596).

É oportuno frisar que a categoria de totalidade tem sua gênese em Marx e posteriormente desenvolvida no pensamento marxista do filósofo húngaro Lukács (1885-1971), que exerceu grande influência intelectual sobre Mészáros. No âmbito dessa análise, torna-se possível compreender a importância dessa categoria em

Mészáros. A concepção de totalidade nas obras marxianas já pode ser identificada em “A Ideologia Alemã”: “[...] expor a coisa em sua totalidade e, também, por isso mesmo, examinar a ação recíproca entre estes diferentes aspectos” (Marx; Engels, 1986, p. 55).

De acordo com essa perspectiva, a totalidade de um complexo social e da história não pode ser analisada apenas a partir de aspectos de partes isoladas; cada elemento da estrutura social, por sua vez, deve ser compreendido em relação ao todo. Como assinala Mészáros (2011a), a concepção materialista da história deveria ser articulada inicialmente como a dialética objetiva da base e superestrutura, considerando suas complexas reciprocidades. Isso significa que a visão de Marx sobre a história e a dialética da “ação recíproca” de fatores e forças integra o complexo social geral da base e superestrutura.

Conforme Konder (2009 apud Pereira, 2018), a diferença fundamental entre Hegel e Marx, em termos da noção de totalidade, reside na concepção de história. Para Hegel, a história se estrutura em uma totalidade fechada no princípio espiritual abstrato, enquanto, para Marx, a história resulta das ações concretas dos homens em seu processo de reprodução da vida material e cultural, ou seja, constitui sistema de totalidade aberto, socialmente inter-relacionado.

Nesse horizonte teórico, Mészáros, apoiado na elaboração teórica de Lukács, coloca a totalidade como categoria central do método dialético: “A referência teórico-metodológica que Mészáros indica para tratar da totalidade em Lukács se fundamenta na concepção da realidade enquanto uma totalidade concreta, ou seja, um processo histórico-social carregado de contradições e relações [...]” (Pereira, 2018, p. 20-21). Dessa forma, a totalidade está vinculada à dialética: “[...] o método correto para compreender a história humana é o método marxista, ou seja, o método dialético. O método dialético nos proíbe olhar para fatos fracionados, atomizados, não vinculados a uma totalidade” (Reale; Antiseri, 1991, p. 805-806).

Nesse contexto, reafirma-se que a dialética é fundamental para a compreensão da totalidade da realidade, pois analisa os fatos sociais como interdependentes e integrados a um todo, evitando interpretações fragmentadas ou superficiais. Além disso, a categoria de totalidade não elimina os elementos individuais, mas os insere em uma relação dinâmica e interdependente, permitindo analisá-los como partes de um todo dialético.

A categoria da totalidade, pois, não suprime os aspectos ou elementos individuais de um acontecimento, mas, muito mais, tende a subtraí-los ao seu isolamento, não os considerando mais como átomos vagantes no processo histórico [...] (Reale; Antiseri, 1991, p. 806).

Em sua monumental obra “Para além do capital: uma teoria da transição”, Mészáros (2011b, p. 381) afirma que “É necessário sublinhar que a defesa de Lukács do ‘ponto de vista da totalidade’ [...] ele o contrapunha à orientação tática estreita da Segunda Internacional, com seu ‘evolucionismo ilusório’ e a separação não dialética de ‘meios’ e ‘fins’”. Nesse horizonte, a realidade deve ser tratada não como mero reflexo mecânico de partes desconectadas, mas como um todo estruturado e orgânico no qual os diversos elementos, econômicos, sociais, políticos e ideológicos, encontram-se interligados e condicionam-se mutuamente.

[...] A categoria da totalidade, o domínio determinante e multilateral do todo sobre as partes é a essência do método que Marx assumiu de Hegel, reformulando-o de modo original [...]. Desse modo, Lukács chegou à solução do problema das relações entre estrutura e superestrutura, considerando que elas estão em relação dialética (Reale; Antiseri, 1991, p. 807).

Ao inserir a base e a superestrutura no âmbito da totalidade social, Mészáros amplia a compreensão da temática. Para alcançar esse objetivo, o filósofo húngaro situa dialeticamente a metáfora marxiana no horizonte amplo e dinâmico da “dialética da estrutura social e da história”. Nessa linha de análise, Mészáros afirma que base e superestrutura são dimensões interligadas do mesmo processo histórico e interagem reciprocamente. Isso significa que os elementos superestruturais não são meros “efeitos” da base, mas atuantes ativamente na reprodução do sistema do capital.

Nessa perspectiva, Mészáros destaca dois âmbitos centrais na análise da complexidade do movimento imanente da realidade e de seus desdobramentos histórico-sociais: primeiro, a estrutura social que comporta a organização da vida material, das ideias, das instituições e das relações sociais; segundo, o processo histórico marcado pela ação ativa dos sujeitos humanos ao longo do tempo. Assim, a interpretação meszariana evidencia que a estrutura social condiciona a história e, reciprocamente, a história transforma a estrutura; em outros termos, Mészáros busca enfatizar o processo dialético marcado por condicionamentos e transformações mútuas, processo no qual o âmbito estrutural está imerso na história e o processo histórico se articula sempre em um conjunto de determinações estruturais (Mészáros, 2011a).

[...] não pode haver nenhuma estrutura de relevância abstraída da história em seu curso dinâmico de desdobramento em qualquer formação histórica concebível, nem pode haver história como tal sem estruturas associadas que carreguem as características estabelecidas essenciais da formação social determinada em questão. Ignorar, pois, quaisquer motivos a substantiva inter-relação dialética de estrutura e história carrega consigo consequências nocivas à teoria (Mészáros, 2011a, p. 13).

Diante disso, relativo aos termos da dialética da estrutura social e da história, Mészáros ressalta o peso do processo histórico em conformidade com as atividades humanas. Nesse sentido, o autor húngaro retoma Lukács (2012 apud Antunes; Garcia, 2021, p. 196-197): “[...] quando as relações econômicas são compreendidas em sua totalidade dinâmica e concreta, torna-se evidente, a cada passo, que os homens fazem sua própria história”. Outrossim, afirma Mészáros (2006 apud Antunes; Garcia, 2021, p. 197):

[...] as ações humanas não são inteligíveis fora de sua moldura sócio-histórica. Mas a história humana, por sua vez, está longe de ser inteligível sem algum tipo de teleologia. Na concepção de Marx, a história permanece aberta de acordo com a necessidade ontológica específica da qual a teleologia humana automediadora [o trabalho] é parte integral [...].

Em consonância com essa ótica interpretativa, Mészáros articula a estrutura social dialeticamente com o processo histórico, para que seja concebida como fim necessariamente aberto, em contraposição à concepção hegeliana de “fim da história”, marcada pelo pressuposto de imutabilidade e por determinações mecânicas.

É por isso que todas as tentativas de produzir sistemas impecavelmente autônomos e fechados de explicação histórica resultam ou em alguma

redução arbitrária da complexidade das ações humanas à simplicidade bruta das determinações mecânicas ou a superimposição idealista [...] (Mészáros, 2011a, p. 56).

Desse modo, é no contexto da advertência contra reduções interpretativas mecanicistas ou idealistas da história que Mészáros aponta outro elemento importante da teoria de Marx: a categoria de contradição. Sobre isso, Konder (2008 p. 44) ressalta que “O pensamento dialético é obrigado a um paciente trabalho: é obrigado a identificar [...] as contradições concretas [...] que constituem o ‘tecido’ de cada totalidade.”

Portanto, a contradição constitui o motor da mudança e da superação, comprovando que a realidade não é fixa, nem estática. Marx e Engels (2002, p. 15) afirmam que “Tudo o que é sólido se desmancha no ar!”. Tal expressão sintetiza a dinamicidade e a transitoriedade das formas sociais. Interpretando esse pensamento, Andrade (2011, p.136) garante que “tanto a estrutura quanto a superestrutura podem ser alteradas, e assim são transmutadas todas as relações sociais de produção”.

Dando continuidade a esse quadro analítico, Mészáros adota tom mais enfático em relação à categoria de mediação ao reconhecer sua centralidade na teoria marxiana. Tal categoria, para a análise meszariana, é fundamental porque constitui parte integrante do processo dialético, revelando como os elementos se determinam mutuamente no movimento histórico-social. Como afirma o autor: “Para ser exato, nenhuma relação de reprodução societal continuada é concebível sem seu próprio tipo de mediação [...]” (Mészáros, 2011a, p. 124). Diante do exposto, o Dicionário do pensamento marxista esclarece que

É uma categoria central da dialética. Em um sentido literal, refere-se ao estabelecimento de conexões por meio de algum intermediário. [...] a categoria de mediação adquire significação qualitativamente diferente na dialética marxista [...] Com o mesmo espírito, Marx indicou o trabalho (ou “diligência”) como o mediador entre o homem e a natureza (Bottomore, 1988, p. 417).

Nesse sentido, o trabalho, sob a perspectiva ontológica, enquanto sociometabolismo humano indispensável, engendra uma rede de mediações. Assim, a atividade humana, enquanto automediadora, possibilita ao ser social adquirir consciência e desenvolver a capacidade de satisfazer suas necessidades. De acordo com Antunes e Garcia (2021, p. 195), “[...] o trabalho é tomado como elemento constitutivo do ser tornado humano, de sua humanidade e de sua socialidade, ou o conjunto de suas relações humano-sociais. Elemento fundante do ser social [...]”.

Em vista disso, a categoria da mediação manifesta as relações concretas existentes entre as partes de um todo, permitindo conhecer as correlações concretas e dialéticas entre o todo estruturado e suas partes. Nessa perspectiva, Pontes (1995 apud Andrade, 2011, p. 137) acentua: “A mediação em face da totalidade, segundo o autor, é responsável pela articulação dinâmica, processual entre as partes na sua ação recíproca e o todo, considerando que cada parte se constitui em uma totalidade parcial, também complexa [...]”. Tal perspectiva teórica sugere a categoria de mediação como aquela capaz de explicar as partes de uma totalidade, ou seja, de uma sociedade ou do processo histórico-social de dado momento, tornando possível compreender as conexões reais e as dinâmicas que estruturam o mundo social. As partes, portanto, não são independentes, nem reduzidas a simples reflexos da

totalidade, mas interligadas por processos mediadores que as fazem funcionar como sistema vivo e dialético.

Entendendo a categoria mediação, perceberemos que os fenômenos não estão isolados, as partes do todo a este pertencem justamente porque possuem mediação com a sua estrutura [...]. A mediação mostra o não isolamento das partes; isto implica que sempre haverá possibilidade de superação [...] sem as mediações o método dialético se petrifica (Andrade, 2011, p. 137-138).

A partir dos elementos expostos e das categorias apresentadas, que Mészáros entrecruza em sua análise da metáfora marxiana, revela-se o caráter eminentemente dialético dos dois âmbitos estruturais, da base e superestrutura. Logo, qualquer tentativa de interpretação não dialética só pode resultar em retratação anedótica filosoficamente irrelevante de eventos históricos ou em culto mecânico do estruturalismo (Mészáros, 2011a). Como adverte o autor, “A circunstância inegável aqui referida só destaca as complexas mediações dialéticas envolvidas nessas atividades, alertando ao mesmo tempo contra qualquer tentativa de reducionismo mecânico” (Mészáros, 2011a, p. 131).

Além disso, a defesa meszariana garante que o processo histórico se apresenta como âmbito de realização do movimento dialético da base e superestrutura, de modo a evidenciar que as estruturas sociais podem atuar como condicionantes e limitadoras da ação humana. Contudo, paralelamente, essas mesmas estruturas, no âmbito do processo histórico, podem ser transformadas pela práxis social, mediante a ação ativa dos sujeitos.

4 METODOLOGIA

Tendo em vista o objetivo geral proposto, a pesquisa adotará abordagem de natureza exploratória, uma vez que busca proporcionar maior familiaridade com o objeto de estudo, proporcionando compreensão mais aprofundada e inicial sobre o objeto investigado, tornando-o mais claro e favorecendo, inclusive, a formulação de hipóteses. Conforme Gil (2002, p. 41), “[...] pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições”. Com base nessa proposta metodológica, foi desenvolvida revisão bibliográfica sistemática sobre o tema, pois, na maioria dos casos de pesquisas exploratórias, ela assume caráter de pesquisa bibliográfica.

Como bem define Severino (2007, p.122), “a pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir de registro disponível, decorrentes de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc.” Desse modo, os procedimentos metodológicos adotados para o êxito desta pesquisa consideraram as principais obras da tradição hegeliana e marxista, sobretudo do filósofo húngaro Mészáros, bem como análise de textos teóricos e levantamento de produções acadêmicas pertinentes ao tema. Isso permitiu compreender como Mészáros redimensionou a temática da relação dialética entre a base e superestrutura, além da elaboração da abordagem crítica e reflexiva, aplicando a metáfora marxiana na realidade prática, adequando-a aos desafios contemporâneos da temática estudada.

Diante disso, torna-se fundamental delimitar, inicialmente, a unidade de leitura principal e, a partir dela, desenvolver um percurso analítico que envolva a compreensão do conteúdo explícito, a identificação dos pressupostos teóricos, contextuais e filosóficos presentes nos textos. Portanto, ao se adotar esse itinerário metodológico de pesquisa, foi possível aprofundar e ampliar a compreensão teórico-filosófica e crítica acerca do tema proposto, com vistas a permitir análise contextualizada de suas implicações na realidade social.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 SUPERESTRUTURA JURÍDICA E POLÍTICA: MEDIAÇÕES DE SEGUNDA ORDEM E A CONSCIÊNCIA SOCIAL

Com base nas discussões previamente desenvolvidas a partir da perspectiva meszariana, é oportuno destacar o pressuposto central da teoria marxiana, expresso na célebre tese contra Feuerbach: “Os filósofos se limitaram a interpretar o mundo de diferentes maneiras; mas o que importa é transformá-lo” (Marx; Engels, 1986, p.128). Nesse sentido, Mello e Malta (2017) observam que o propósito de Mészáros, em sua análise da metáfora marxiana, não se restringe a demonstrar que a metáfora não é reducionista ou mecânica, mas explorar as possibilidades didáticas que ela oferece e propostas de ação política.

Sob essa perspectiva, a análise dialética meszariana da base e superestrutura, além de refutar com rigor as leituras antimarxista e interpretações do chamado “marxismo vulgar”, permite compreensão mais matizada das diversas determinações que operam no interior da superestrutura, em termos da realidade objetiva, e que favorecem os mecanismos de abrangência do sistema capitalista. Assim, ao recorrer à metáfora marxiana, Mészáros, também busca evidenciar as disfunções do sistema capitalista, que abrangem a totalidade do complexo social, e se configuram da seguinte forma: “[...] é necessário insistir que o capital não é simplesmente uma “entidade material” [...], mas é, em última análise, uma forma incontrolável de controle sociometabólico. [...] estrutura “totalizadora” de controle [...]” (Mészáros, 2011b, p. 96).

Desse modo, torna-se claro que o capital se impõe como totalidade sociometabólica que abarca e condiciona o conjunto da existência humana em suas múltiplas expressões sociais. A partir desse quadro, o tratamento meszariano da categoria marxiana da base e superestrutura favorece a compreensão mais sistemática da problemática. Em contrapartida, das leituras mecanicistas que reduzem o capital a suas manifestações econômicas, ou das idealistas, que o dissociam da materialidade histórica, o método dialético revela a unidade orgânica entre base e superestrutura como expressão concreta de um metabolismo social alienado. Argumenta Mészáros (2011a, p. 48) que “A abordagem dialética está preocupada em trazer à tona as conexões objetivas internas de um complexo [...]”.

Dentro desse marco teórico, a dialética se manifesta como núcleo central que possibilita o desvelamento das determinações internas e contraditórias do metabolismo social do capital, uma vez que permite ultrapassar o nível das aparências imediatas da realidade social e alcançar suas determinações essenciais. Aponta Netto (2011, p. 21) que “O objetivo do pesquisador, indo além da aparência fenomênica, [...]”,

sendo essa aparência um nível da realidade e, portanto, algo importante e não descartável, é apreender a essência (ou seja: a estrutura e a dinâmica) do objeto”.

Desse modo, a interpretação meszariana da relação base e superestrutura, concebida em chave dialética, não está preocupada apenas com refutações de abordagens equivocadas, mas, sobretudo, em revelar as desordens do sistema do capital. Cabe ressaltar que o método dialético busca transpor qualquer pseudoconcreticidade que camufla ou encobre as contradições da realidade efetiva. Sob essa ótica, Kosík (1976, p. 13) designa que

A dialética trata da “coisa em si”. Mas a “coisa em si” não se manifesta imediatamente ao homem. Para chegar à sua compreensão é necessário fazer não só um esforço, mas também um *détour*. Por esse motivo o pensamento dialético distingue entre representação e conceito da coisa [...].

Em função desse quadro analítico, a dialética, em sua aplicação, não se restringe à mera observação das aparências imediatas; visa, antes, desvelar as determinações internas e necessárias que estruturam o fenômeno, visto que se configuram sob a aparência de evidências imediatas e, dessa maneira, ocultam suas determinações essenciais. O pensamento dialético, em contraposição, procura superar essa ilusão de imediaticidade, revelando o caráter contraditório e constitutivamente complexo do mundo social (Andrade, 2011).

É nesse sentido que, para Mészáros (2011a, p. 35), “[...] a concepção materialista da história tinha de ser articulada desde o início como a dialética objetiva de base e superestrutura [...]”. Em outras palavras, apenas a articulação dialética entre base e superestrutura permite compreender as conexões internas entre as dimensões materiais e ideológicas da vida social imersas em uma pseudoconcreticidade gerada pelo sistema capitalista. Entretanto, essa faculdade de percepção é constantemente obstaculizada pelas formas de aparência que o próprio sistema capitalista engendra para se autopreservar. É diante dessas limitações que a contribuição meszariana se torna decisiva. Ao aprofundar a dialética da base e superestrutura, Mészáros aplica essa ferramenta teórica para ultrapassar o nível fenomênico da realidade e desvelar as mediações que asseguram a permanência do sistema do capital em sua fase de crise estrutural.

Diante dessa compreensão, Mészáros retomou a dialética da base e superestrutura como metáfora explicativa e ferramenta que transcende o nível da pseudoconcreticidade, atingindo, assim, a essência contraditória do sistema capitalista. Porém, é necessário assinalar que a análise meszariana evidencia uma nova fase do capitalismo. Nessa perspectiva, Mészáros realizou um salto qualitativo em relação a Marx, ao situar sua análise em estágio histórico distinto, enquanto Marx formulou sua crítica durante a fase ascendente do capitalismo, momento no qual o sistema ainda exercia função expansiva e civilizatória. O filósofo húngaro desenvolveu sua reflexão na fase descendente, marcada pela crise estrutural e pela exaustão de suas possibilidades de autorreprodução.

[...] durante a fase de declínio gradual, que pode envolver muitas décadas, as forças superestruturais dominantes podem exercer de maneira bem-sucedida suas funções reguladoras/reprodutivas em vista da “circularidade prática” que tende a prevalecer entre os imperativos materiais e as dimensões superestruturais de um sistema plenamente articulado – e nesse sentido, orgânico (Mészáros, 2011a, p. 81).

É nesse contexto da nova fase do sistema do capitalismo que Mészáros identifica o surgimento e a consolidação das mediações de segunda ordem, mecanismos sociometabólicos que atuam para compensar as contradições do capital. Por esse motivo, o autor enfatiza, em seus estudos, o papel ativo da superestrutura como instrumento de controle e preservação do *modus operandi* desse sistema de produção: “[...] mediações de segunda ordem específicas, reificadas do capitalismo. Enquanto tais, eles não podem funcionar, a não ser de forma ‘reificada’, controlando o homem em lugar de serem controlados por ele” (Mészáros, 2006, p. 227).

Mészáros faz a distinção entre as mediações em geral, ou mediações primárias, que estão intimamente ligadas à noção de Marx de ontologia do trabalho: “[...] tem-se aquilo que Mészáros chama de conjunto ou sistema de mediações primárias ou mediações de primeira ordem, que Lukács nomeia de posições teleológicas primárias e que Marx denomina de trabalho” (Antunes; Garcia, 2021, p. 197).

Dando continuidade à distinção entre mediações primárias, é necessário considerar as mediações de segunda ordem, as quais regulam e conservam a ordem estabelecida pelo sistema capitalista como a propriedade privada e a divisão do trabalho configuradas por meio do trabalho assalariado. Essa forma de mediação se configura como mediações alienadas do capital, desvirtuando a relação do homem com a natureza e entre os próprios homens. Tais mediações auxiliam o capital no seu processo de reprodução, garantindo-lhe a posição de único “regulador sociometabólico” do processo de reprodução material.

Essa tendência à máxima alienação em momento de crise estrutural do capital é reforçada e assegurada pela teia de mediações de segunda ordem do capital, que busca, a todo custo, ao custo da humanidade, realizar ajustes cada vez mais temporários nas contradições e antagonismos gerados pelo sistema, numa luta incessante de manter o capital como senhor do sistema sociometabólico da humanidade [...] (Silva, 2021, p. 69).

Nesse quadro contextual, a análise dialética meszariana revela que as “formas de ser” [*Daseinsformen*] objetivas da base e superestrutura estão integralmente submetidas ao domínio incontrolável do capital (Mészáros, 2011a). Nesse ínterim, em relação às mediações de segunda ordem, engendradas pela totalização do controle do sistema do capital, Mészáros estabelece distinção entre a superestrutura enquanto tal, que abrange as formas ideológicas e culturais de reprodução social e a superestrutura jurídica e política correspondente às instâncias institucionais e normativas por meio das quais o capital organiza e estabiliza seu monopólio.

Central a essas preocupações é a necessidade de se concentrar na distinção marxiana entre superestrutura enquanto tal e o conceito mais limitado de “superestrutura jurídica e política” [...] Pois somente com referência à transformação historicamente constituída, e, em um certo estágio de desenvolvimento social, antagonicamente determinada, da superestrutura em uma esfera separada e cada vez mais alienada de dominação jurídica e política é que algumas ideias seminais de Marx – inclusive sua crítica radical da política em si – podem se tornar de fato inteligíveis (Mészáros, 2011a, p. 67).

Nesse sentido, a primeira tem a função de reproduzir a sociedade de acordo com a lógica interna do capitalismo e a segunda de organizar e estabilizar o monopólio do capital. Ambas operam juntas, mas em camadas específicas. Essa diferenciação conceitual, realizada por Mészáros, enfatiza que a superestrutura jurídica e política

constitui determinação particular e historicamente desenvolvida, emergida quando as contradições da base material exigiram formas institucionais de regulação e controle, da necessidade histórica de estabilizar e institucionalizar as contradições imanentes do processo produtivo.

Dessa forma, Mészáros (2011b) aprofunda essa compreensão mostrando que a superestrutura jurídica e política surge da própria dialética entre base e superestrutura: “ambas afetam uma à outra de maneira profunda”. Outrossim, ao mesmo tempo, ela passa a atuar como instância mediadora que assegura a reprodução do capital, configurando-se, na leitura meszariana, como forma de mediação de segunda ordem, expressão do movimento histórico em que as determinações ideológicas e políticas atuam em mecanismos ativos de sua preservação.

Uma vez que a superestrutura assume a forma característica de “superestrutura jurídica e política” no curso do desenvolvimento histórico – uma forma apropriada a vários modos de reprodução “ordenada” dentro dos confins da divisão hierárquico-estrutural do trabalho – o todo da superestrutura, até mesmo suas dimensões mais mediadas (crença religiosas, práticas artísticas, concepções filosóficas etc.) devem ser sujeitas às suas determinações, embora, obviamente, no sentido dialético anteriormente visto do termo. Pois a superestrutura jurídica e política é, por sua própria natureza, uma estrutura “totalizante”, que tudo abrange (Mészáros, 2011a, p. 95).

Nessa perspectiva, as mediações de segunda ordem do capital, de natureza política e jurídica, têm sua gênese justamente para permitir que os mecanismos do sistema capitalista continuem a funcionar e mantenham a ordem existente. Isso implica dizer que a estrutura social, na denominada fase descendente do capital, encontra-se subjugada ao domínio capitalista, que deforma todas as relações sociais existentes em nome de sua expansão.

Nesse contexto, relativo às desordens da relação da base e superestrutura, e em resposta à manutenção do sistema capitalista, a interpretação meszariana de Marx enfatiza outro elemento fundamental: a “consciência social”, apresentada na introdução da obra “Para a Crítica da Economia Política”, como o terceiro elemento da relação dialética entre base e superestrutura. Denota Mészáros (2011a, p. 128): “E o terceiro fator essencial é constituído pela múltipla variedade das ‘formas ideológicas’ que entram em cena como ‘formas de consciência’ e, como tais, correspondem à superestrutura jurídica e política”.

Em relação a isso, Mészáros assinala que as formas ideológicas correspondentes à superestrutura jurídica e política entram em cena como instâncias mediadoras fundamentais na reprodução do metabolismo social do capital. Longe de se apresentarem como meras expressões espirituais ou reflexos passivos da base material, elas atuam de maneira ativa na manutenção e legitimação das estruturas vigentes, operando no nível das mediações de segunda ordem, daquelas formas sociais que se interpõem entre a produção material e a consciência social (Mészáros, 2011a). Nesse plano, as ideologias inerentes da superestrutura jurídica e política cumprem a função de estabilizar as contradições do sistema capitalista, naturalizando e justificando as relações de dominação ao mesmo tempo que conferem aparência de universalidade às determinações históricas do capital.

O que também é importante de ser aqui colocado em relevo é que, no curso do desenvolvimento histórico, as “formas ideológicas” mencionadas anteriormente também assumiram a forma de tipos determinados de discurso: dos discursos políticos e morais aos religiosos e estéticos. Todos estes têm características definidoras próprias claramente identificáveis, nos termos das quais respondem e materializam em seu próprio quadro específico [...], afetando, de maneira profunda, o comportamento dos seres humanos em seu domínio claramente articulado (Mészáros, 2011a, p. 128).

É nesse entrelaçamento que se revela o caráter prático-vital dos discursos ideológicos que emergem e atuam dentro do contexto institucional concreto, reforçando, legitimando e reproduzindo os modos de organização social dominantes. Desse modo, “[...] eles não são inteligíveis sem suas ligações íntimas ao quadro institucional dado da superestrutura jurídica e política historicamente dominante (Mészáros, 2011a, p. 128). Nesse sentido, Mészáros aponta como a ideologia se materializa institucionalmente, sobretudo por meio das práticas morais e educacionais, e como elas atuam na reprodução do sistema do capital por meio da superestrutura jurídica e política.

[...] Por meio de sua rede institucional mais difusa, elas também estão todas envolvidas na transmissão dos valores dominantes da ordem social estabelecida da geração presente para as gerações futuras. E, obviamente, ao regulamentar essa transmissão do sistema de valores dominantes da sociedade presente em direção ao futuro, a superestrutura jurídica e política exerce o papel regulatório preeminente. “[...] até mesmo a prática social [...] do discurso estético é uma parte integrante desses processos que não podem ser de modo algum separados da superestrutura jurídica e política [...] as notáveis figuras intelectuais [...] teorizavam a partir do ponto de vista do capital” (Mészáros, 2011a, p. 129-130).

Assim, Mészáros sugere que os principais campos de produção e reprodução da consciência social dentro da superestrutura estão subordinados ao domínio do capital, operando para manter a ordem estabelecida por meio da superestrutura jurídica e política. A atividade estruturada da superestrutura jurídica e política penetra todas as dimensões da vida social, como economia, cultura, linguagem e educação, dominando-as e controlando suas atividades.

[...] a superestrutura jurídica e política é caracterizada por uma sempre extensa selva legislativa que domina todos os processos de reprodução societal [...] lança sobre toda a sociedade a obscura sombra da incontrolabilidade (Mészáros, 2011a, p. 133-134).

Por fim, Mészáros vai apontar o que ele desenvolveu em suas obras, como o âmbito da superestrutura mais afetado pelo poder do capital que operara em favor de sua ordem. Em “Para além do capital”, Mészáros” (2011b, p. 106) argumenta que “[...] A formação do Estado moderno é uma exigência absoluta para assegurar e proteger permanentemente a produtividade do sistema”. Dessa forma, o Estado moderno atua em favor do sistema capitalista. Nas fases de crise e antagonismos internos, o Estado executa a função de prolongar a vida útil desse modo de produção. Assim, os aparatos estatais entram em cena criando leis e “brechas” para amenizar os déficits e desequilíbrios fiscais. A análise meszariana identifica que, devido à plasticidade do capitalismo, ele é capaz de sobreviver mesmo diante das próprias contradições sistêmicas e explosivas, tornando-se até um “capitalismo estatal”. Mészáros dá um

exemplo bem concreto da ação da superestrutura política que utiliza o Estado moderno em favor do sistema do capital.

E, obviamente, tanto o complexo militar/industrial quanto o aventureirismo financeiro especulativo de nossa época requerem os generosos serviços facilitadores da superestrutura jurídica e política capitalista, com o propósito de tornar suas operações racionalmente impenetráveis e incontroláveis (Mészáros, 2011a, p. 134).

Em síntese, a análise meszariana demonstra que todo o complexo social da vida humana, nessa fase da história, está subordinado ao capital, uma relação social estruturante do capitalismo que transforma a sociedade e condiciona a vida social, política e ideológica, gerando alienação, desigualdades e diversos outros efeitos nefastos. Contudo, Mészáros alerta, em seu livro “A Crise Estrutural do Capitalismo”, para aquilo que considera mais grave e preocupante: a humanidade e o planeta encontram-se à beira da autodestruição.

A grave crise em curso de nossa época histórica é estrutural no sentido de não poder ser superada nem mesmo com os muitos trilhões das operações de resgate dos Estados capitalistas. Assim, é cada vez mais profunda a crise estrutural do sistema [...] torna o perigo de autodestruição da humanidade ainda maior do que antes (Mészáros, 2011c, p. 137).

Diante desse quadro, visto pela ótica de Mészáros, torna-se evidente que a análise meszariana da relação entre base e superestrutura fornece compreensão aprofundada do funcionamento do capitalismo contemporâneo, revelando como o capital, enquanto totalidade sociometabólica, condiciona todas as dimensões da vida social. Na tentativa de articular a dialética da base e superestrutura, Mészáros esclarece os mecanismos de dominação impostos pela superestrutura jurídica e política e confirma o caráter estruturalmente contraditório e historicamente específico do capitalismo em sua fase descendente. Por fim, em sua obra “Para além do capital”, o autor destaca que a única saída viável é o fenecimento do Estado moderno e desse sistema econômico que domina o momento atual da história.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do desenvolvimento da tradição marxista, a metáfora marxiana da base e superestrutura foi equivocadamente reduzida a esquemas rígidos e mecanicistas. Ademais, no externo do pensamento marxista, os críticos e opositores de Marx postularam teses não condizentes com o objetivo da metáfora marxiana. Conseqüentemente, tais posições, ainda que inconscientemente, possibilitaram esvaziar e reduzir essa complexa teoria de Marx.

Nesse sentido, o presente estudo se propôs a analisar a metáfora marxiana da base e superestrutura, que são centrais no método do materialismo histórico-dialético à luz da perspectiva do filósofo húngaro Mészáros, tendo como objetivo central apontar a complexidade em torno da metáfora, de modo a enfatizar a relação dialética entre elas. Este trabalho, ao tratar da temática da metáfora marxiana na visão de Mészáros, não se referiu simplesmente a um método formal e linear, mas, antes de tudo, à expressão do próprio processo de movimento e contradição da realidade social e histórica, visto que, para Marx, as categorias não são apenas abstrações teóricas, mas, primariamente, “formas de ser” que expressam a própria realidade objetiva.

Mészáros oferece densa e rigorosa teoria que refuta contundentemente as “hermenêuticas” reducionistas e mecânicas originadas de leituras equivocadas e tendenciosas contra as teses de Marx. Para isso, a análise meszariana da metáfora de Marx é inserida na integralidade de suas obras, considerando aspectos e outras categorias fundamentais, como totalidade, contradição, mediação, “formas de ser”, entre outras, por vezes negligenciadas, o que inevitavelmente ocasionam deturpações e simplificações das teses marxianas.

Contudo, a abordagem de Mészáros sobre o tema da dialética da base e superestrutura não se restringe apenas para objetar hermenêuticas reducionistas. A contribuição meszariana, além de se pautar na cientificidade do método de Marx para corrigir as interpretações inexatas, quer ser antes uma ferramenta política de transformação social. Desse modo, ao analisar as categorias da base e superestrutura, o filósofo húngaro revela as disfunções e antagonismos do sistema capitalista que, por meio da ideologia, mascaram as contradições e conflitos.

Portanto, o pensamento de Mészáros, fundamentado no grande legado intelectual e político de Marx, mostra-se como atual à temática da dialética da base e superestrutura, com vistas a demonstrar as terríveis e destruidoras desordens do sistema capitalista. Por isso, para a sobrevivência e manutenção de seu *status quo*, Mészáros aponta os mecanismos de dominação do capital na denominada fase descendente, com as mediações de segunda ordem, adaptando a superestrutura a seu favor, transformando-a em superestrutura jurídica e política.

Cabe, por fim, ressaltar que esta pesquisa em torno do pensamento meszariano não se esgota, pois suas obras são vastíssimas, principalmente no que se refere ao tema da superestrutura jurídica e política e sua relação com o Estado moderno. Devido à relevância da temática, sugerem-se estudos posteriores que ofereçam soluções urgentes, pois se vive diante da fase destrutiva do sistema do capital que, em dado momento da história, não terá retorno, porque, como nota Mészáros, os males do capitalismo abrangem todas as esferas da vida humana e do planeta.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Renato Almeida. **Marx e seu método**: para além da compreensão da história da humanidade. *Redes: Revista Capixaba de Filosofia e Teologia*, Vitória, n.16, p.123-141, jan./jun. 2011.

ANTUNES, Caio; GARCIA, Lênin Tomazett. Mészáros e a liberdade. **Revista Humanidades e Inovação**, Tocantins, v. 8, n. 57, p. 194-209, 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/5394>. Acesso em: 19. set. 2025.

ANTUNES, Jadir. História e filosofia da história em Hegel. **Temas & Matizes**, Paraná, v. 3, n. 6, p. 22-27, jun. 2004. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/temasematizes/article/view/536>. Acesso em: 02. set. 2025.

BAVARESCO, Agemir; ORSINI, Federico. **Epistemologia hegeliana**. PUCRS.2021. Disponível em: https://repositorio.pucrs.br/10923/210/Epistemologia_Hegeliana.pdf. Acesso em: 12 out. 2025.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. São Paulo: Zahar, 1988. Disponível em: <https://www.cressrn.org.br/files/arquivos/7Is733Uoz9445VM1xO9W.pdf>. Acesso em: 16. ago. 2025.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da filosofia**: história e grandes temas. São Paulo: Saraiva, 2000.

DELBONI, Paulo César. **O conceito de alienação em Karl Marx**. Redes: Revista Capixaba de Filosofia e Teologia, Vitória, Edição Especial, n.3, mai. 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Filosofia da história**. Tradução de: Maria Rodrigues e Hans Harden. Brasília: 2. Ed. Universidade de Brasília, 2008.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**: parte II. Tradução de: Paulo Meneses. Petrópolis: 5. ed. Vozes, 2001.

HOLANDA, Julia de. Marx e a ideia de base e superestrutura. **Revista filosofia capital**, Brasília, v.1, p.33-38, 2006. Disponível em: <https://filosofiacapital.org/index.php/filosofiacapital/article/view/7>. Acesso em: 21. ago. 2025.

HUNT, Elgin Kenneth; SHERMAN, Howard Jay. **História do pensamento econômico**. Tradução de: Jaime Larry Benchimol. Petrópolis: 5.ed. Vozes, 1986.

HYPOLITE, Jean. **Introdução à filosofia da história de Hegel**. Tradução de: Hamílcar de Garcia. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1971.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

KOSIC, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LESSA, Sérgio. Trabalho, sociabilidade e individuação. **Trabalho, educação e saúde**, v. 4 n. 2, p. 231-246, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/rYCHSfLBNgZcKDFXs6hyfWd/?lang=pt>. Acesso em: 01. out. 2025.

LÖWY, Michael. **Marxismo contra positivismo**. Tradução de: Reginaldo Di Piero. São Paulo: Cortez, 2018.

MARTINS, Erika Alves. **Os conceitos base/superestrutura e ideologia em Marx.** 2024. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais, Juiz de Fora, 2024. Disponível em: <https://www.abepss.org.br/enpess-anais/public/arquivos/2024/oral/02427.pdf>. Acesso em: 15. set. 2025.

MARX, Karl. **Para a crítica da economia política.** Tradução de: Edgar Malagodi. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista.** Tradução de: Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2002.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã: (i-feuerbach).** Tradução de: José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Hucitec, 1986.

MASSON, Gisele. Materialismo histórico e dialético: um discurso sobre as categorias centrais. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v.2, n.2, p.105-114, jul./dez. 2007. Disponível em: https://ri.uepg.br/riuepg/bitstream/handle/ARTIGO_MaterialismoHistorioDial%1. Acesso em: 20. ago. 2025.

MELLO, Lawrence Estivalet de; MALTA, Maria de Mello. **A relação entre base, superestrutura e consciência social em Marx.** *Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política*, Niteroi, v. 2, n. 46, p. 57-73, abr. 2017. Disponível em: <https://revistasep.org.br/index.php/SEP/article/view/230>. Acesso em: 03 abr. 2025.

MENEGHETTI, Gustavo. Determinismo e práxis: o dualismo do método de Marx. **Serviço social & realidade**, Franca, v.16, p. 249-266, set.2007. Disponível em: <https://periodicos.franca.unesp.br/index.php/SSR/article/view/112>. Acesso em: 09. set. 2025.

MÉSZÁROS, István. **A crise estrutural do capital.** Tradução de: Ana Carvalhaes [et al]. São Paulo: 2.ed. Boitempo, 2011c.

_____. **A montanha que devemos conquistar.** Tradução de: Maria Izabel Lagoa. São Paulo: Boitempo, 2015.

_____. **Para além do capital: Rumo a uma teoria da transição.** Tradução de: Paulo Cezar Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo, 2011b.

_____. **Teoria da alienação em Marx.** Tradução de: Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2006.

_____. **Estrutura social e formas de consciência: a dialética da estrutura e da história.** São Paulo: Boitempo, 2011a.

MILANI, Vinicius Tadeu. **As contribuições de Raymond Williams à teoria social marxista**: a crítica ao modelo base e superestrutura. **Revista Aurora**, Marília, v. 3, n. 12, p. 17-26, abr. 2019. Disponível em:

<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/aurora/article/view/9764>. Acesso em: 10. ago. 2025.

MONDIN, Batista. **Curso de filosofia**: Vol.3. São Paulo: 8.ed. Paulus, 2003.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao método de Marx**. São Paulo: 1.ed. Expressão popular, 2011.

PEREIRA, Antônio Marcondes dos Santos. **A questão da categoria da totalidade em história e consciência de classe e a ontologia do ser social de Györg Lukács**: dialética marxista, conhecimento científico e formação humana. 2018. 262 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/38996>. Acesso em: 02. set. 2025.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**: do romantismo até nossos dias. São Paulo: Paulus, 1991.

ROSSI, Roberto. **Introdução à filosofia**: história e sistemas. Tradução de: Aldo Vannucchi. São Paulo: Loyola, 1996.

SANTOS, Vinicius dos. A razão realizada? Notas sobre a filosofia da história de Hegel. **Aufklärung**: revista de filosofia, João Pessoa, v. 3, n. 2, p. 127-150, out. 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2025.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Maria Isabel Correia da. **A crise estrutural do capital e as mediações de segunda ordem na perspectiva de István Mészáros**. 2021. 110 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/12290>. Acesso em: 10. set. 2025.

VAZ, Henrique C. de Lima. **Ontologia e história**. São Paulo: Loyola, 2001.

VIEIRA, Daniel Mota. **O racionalismo crítico de Karl Popper**: Um elo entre racionalidade epistemológica e racionalidade política. 2020. 115 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais – UFRRJ, Seropédica, 2020. Disponível em: <https://rima.ufrj.br/jspui/handle/20.500.14407/13503>. Acesso em: 13. ago. 2025.